

## **Recepção e leitura dialógica na história. A interlocução entre Kate Millett, Simone de Beauvoir e o Feminismo atual**

### **Reception and dialogical reading in history. The interlocution of Kate Millett, Simone de Beauvoir and the current Feminism**

Magda Guadalupe dos Santos\_\*

Essa seção tem o intuito de trazer ao leitor de *Sapere Aude* não apenas resumos de textos apresentados em congressos, assim como informações dos próprios eventos acadêmicos. Neste número apresento uma informação sobre o encontro ocorrido na Universidade de La Plata, Argentina, entre os dias 28 a 30 de setembro de 2011. O tema das II Jornadas CINIG de *Estudios de Género y Feminismos* foi, precisamente, *Feminismos del siglo XX: desde Kate Millett hasta los debates actuales*.

#### **I. Sobre as Jornadas**

De fato, parece escapar à esfera da filosofia, em especial nesta Universidade, que as questões de gênero também remetem ao primado das especulações teóricas que aguçam formas críticas de leitura do mundo. E é justamente essa a pretensão do encontro bianual do centro de Estudos de Gênero da Universidade de La Plata. *Las Jornadas* propiciam diálogos com a filosofia a uma gama imensa de estudiosos do Feminismo, da diferença sexual e de temas conexos, por meio de perspectivas distintas, como as da psicanálise, da antropologia, da teologia, da história, da literatura e áreas afins. Estas Jornadas são sempre coordenadas pela Professora María Luisa Femenías, destacada filósofa feminista argentina, com vários livros escritos, organizados e publicados, podendo-se apontar, dentre eles, *Judith Butler: Introducción a su lectura* (2003), *El género del multiculturalismo* (2007), *Simone de Beauvoir: las encrucijadas de “el otro sexo”* (2010). Femenías conta também

---

\* Professora do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUCMINAS. E-mail: magda.guadalupe@yahoo.com.br

com um grupo de pesquisa de alto nível que dá às Jornadas um tom de seriedade e eficiência acadêmica.

Este ano, o encontro voltou-se para a discussão, com angulações distintas, das variantes do Feminismo, tendo como ponto de partida as propostas de Kate Millett, em sua obra mais famosa, *Sexual Politics*. A questão nevrálgica de seu pensamento havia se tornado o lema do Feminismo nos anos 70 – “o pessoal é político” – e, ao redor desse lema, várias questões puderam ser colocadas. Ressaltou-se a tentativa de discutir a politização dos hábitos cotidianos promovida pelos movimentos de mulheres, como meio propiciador de enormes mudanças sociais e que fizeram frente aos moldes patriarcais bimilenares da cultura ocidental.

Enfatizou-se também a revisão das relações de poder pela diversidade de movimentos que se voltaram contra o sistema patriarcal, assim como as bases teóricas sobre os temas de gênero, as quais foram se incorporando gradualmente nos tópicos de pesquisa e debates acadêmicos. Por força de tais bases e do teor epistemológico sobre o qual se ergueram, pôde-se também realçar, como pontos de desafios pretéritos e sempre atuais, um trabalho que se originou há vários anos, inclusive em tempos de suspensão dos direitos democráticos, nos anos de ditadura. Não apenas na Argentina, como no Brasil e em toda a América Latina, os espaços acadêmicos atuaram como “núcleo de resistência” face à supressão de direitos.

Assim, o que bem se vê aguçada nessas Jornadas é a íntima relação entre teoria e prática política. Essa relação reveste-se pela falta de equidade entre os gêneros, como resultado de um complexo processo histórico de que se vai tomando consciência, no sentido de que a produção do conhecimento jamais se desvincula das questões tratadas pelas feições feministas que movimentam a própria história. O site das Jornadas pode ser visitado, no endereço de sua apresentação, a saber:

<http://jornadascinig2011.blogspot.com/2011/03/presentacion-de-las-ii-jornadascinig.html>

O eixo temático ao qual o presente texto se submeteu e foi acolhido, denominado *Eje 3: Corrientes feministas*, se propôs analisar “a diversidade de posicionamentos em torno do objetivo político da equidade entre os gêneros”. Em suas várias correntes envolveram-se “os debates feministas no século XX, desde a Segunda Onda do Feminismo

até os debates atuais”, os quais problematizam a hierarquia entre os sexos, como se pode apreender do próprio site do congresso.

O trabalho por mim apresentado tem como título A Recepção e leitura dialógica na história: a interlocução entre Kate Millett, Simone de Beauvoir e o Feminismo atual. Apresento aqui um arrazoadado do texto que foi publicado nos Anais do Congresso.

## **II.A síntese temática: recepção e leitura dialógica.**

O ponto de partida da comunicação é a questão da recepção dos textos de Millett e de Beauvoir no campo das especulações feministas e, em especial, no impacto das leituras dos textos de uma pela outra, no processo dialógico do Feminismo na história. De fato, Beauvoir é leitora de Millett e, em alguns momentos de suas obras, ressalta a relevância dessa interlocução teórica. Por um lado, evidencia-se como leitura e recepção conformam a visão de mundo expressa nos textos de memória e nos ensaios filosófico-políticos de Simone de Beauvoir. Por outro lado, discute-se como os temas propostos por ambas aguçam a abordagem crítica dos problemas vividos no século XX, envoltos pela roupagem da diferença sexual e das questões de gênero, entre outros.

A preocupação central da comunicação girou em torno do diálogo teórico entre Beauvoir e Millett e de sua repercussão nas formas de pensar das teóricas da Terceira Onda do Feminismo contemporâneo. Já em *Tout compte fait*, texto publicado em 1972, Beauvoir ressalta o relevo das preocupações tecidas por Kate Millett em sua mais famosa obra, *Sexual Politics*, publicada em 1970, como forma de demonstrar que as divergências e interações conceituais entre ambas apenas ressaltam o molde dialógico a partir do qual o Feminismo se constitui, como forma de fazer frente aos imperativos heterônomos e monológicos daquele século. Millett é também leitora de Beauvoir e tanto suas comentadoras confirmam essa recepção (ANDREW, 2003, p. 38) como a própria Millett confessa sua apreciação pela obra de Beauvoir em entrevista concedida a BBC de Londres em 1996.

No que concerne especificamente às questões de interesse para um público de filosofia, vale ressaltar, em primeiro lugar, além da própria questão da recepção que se realça como pilar central desta comunicação, também a constituição de novos espaços para

a política feminista ao longo dos anos 70 e de sua interlocução com os moldes performativos na cultura. As várias correntes feministas têm, como ponto de reivindicação comum, “não uma emancipação superficial, mas a ‘descolonização’ da mulher”, como assevera a filósofa francesa (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p.492).

Entre as várias teóricas da Segunda Onda, em especial Beauvoir e Millett insistem, em verdadeira *avant-garde*, na relação entre igualdade e diferença e ressaltam o valor da diferença na dimensão cultural da igualdade. É preciso lembrar que esse debate ganha novos contornos nos anos 80 e, em especial, no pensamento de Rosi Braidotti e de Judith Butler, em suas específicas abordagens de luta contra a mediocridade em que se inseria a condição feminina no sentido moral, sexual e jurídico-político. Mas tanto em *Le deuxième Sexe* (1949), quanto em *Sexual Politics* (1970), a correlação dialética entre os conceitos já se estipula e define os rumos que as correntes feministas passam a traçar a partir de então e ao longo dos anos subsequentes.

Parte-se do pressuposto de que as leituras norte-americanas dos anos 70 da obra de Beauvoir (publicada em 1949) possibilitaram a passagem dos suportes teóricos de sexo a gênero, como argumentam Butler (1990), Haraway (1991), Tarrant (2006), elevando as bases das teorias feministas a uma complexa diversificação em torno das questões que perpassam a ordem simbólica ou social (DIAZ, 2005, p.7). Nesse processo de transformação ético-político, que engendra sempre outras formas de ser e de pensar, defrontam-se as novas correntes feministas.

Frente à complexa dimensão do conceito de alteridade presente na obra de Beauvoir, suas leitoras se posicionam. Em especial, Judith Butler (2008) entende ser necessário problematizar o gênero, apontando para o peso de suas normas, sem que com isso se mantenha irreduzível a diferença sexual. Gênero e sexualidade devem poder se correlacionar em contínuo embate e perquirição tópica. Compete, portanto, ao Feminismo poder oferecer uma crítica à hierarquia de gênero que possa ser incorporada à teoria radical da sexualidade à qual propicia, por sua vez, novos elementos às análises e teorias feministas. E nessa dimensão correlacional, a dinâmica das sexualidades minoritárias torna-se a chave das análises de gênero (BUTLER, *Antigones' Claim*, 2000, apud. DIAZ, 2005, p. 4/716).

Outrossim, Millett, nos anos 70, amplia o ideário político e ali insere as relações entre os sexos enquanto relações de poder. E justamente porque alguns grupos ditos minoritários, identificados por força de seus papéis sexuais, desempenhados na esfera político-social, não se fazem representar em estruturas políticas formais, tornam-se fator de intensa e contínua opressão histórica. A seu sentir, é preciso buscar uma assimilação múltipla da experiência humana, sem permitir que alguns, tidos por excluídos, possam continuar a se manter alijados do processo de construção político-sexual, para que o código moral dessa mesma cultura possa se ampliar e se ressignificar. Para Millett, “a sociedade patriarcal está de tal forma enraizada (em si mesma), que o tipo de estrutura que ela determina em ambos os sexos é talvez mais um hábito de espírito e um tipo de vida, do que um sistema político determinado” (MILLETT, 1974, p.12).

Mas é na consciência humana que as mudanças deveriam ocorrer, antes de se buscarem novas vias de práxis institucionais. Assim, pode-se entender que, para ela, autoridade, figura patriarcal, papéis sexuais sempre muito distintos – todos esses fatores mereceriam ser revistos já no início dos anos 70.

Em Beauvoir, a revisão de valores é um continuum a ser buscado para que as bases de explorações não possam mais ser autorizadas e vinculadas a um “destino fisiológico”, que acabe por se transfigurar como meio de privação de tantas coisas que são confinadas à dimensão de imanência (BEAUVOIR, “Un entretien”, *Les Tempes Modernes*, 2002, p. 11-12). Eis que Beauvoir e Millett abrem o espectro de possibilidades de interrogações acerca do senso de liberdade que a sexualidade comporta em si, numa esfera de posições políticas a serem desenvolvidas e reconhecidas como válidas culturalmente. Nesse sentido, teoria do gênero e teoria da diferença sexual formam, desde então, uma relação dialógica intensa, com grande impacto nas formas contemporâneas de se analisar o Feminismo na história. Além disso, erguem-se das interlocuções formas variadas de se ler o mundo pelo viés feminista, tornando possível o reconhecimento de que se deve tentar manter em aberto o espaço para o questionamento de conceitos e categorias. Deve-se também elucidar as bases teóricas para a compreensão e mesmo para possíveis posições das situações concretas em que se encontram as mulheres e a polêmica imagem do feminino na atualidade e nos modelos estéticos estampados sob a lógica do belo, do bom e do verdadeiro, enquanto uma unidade de valores morais cunhados na história da cultura.

De fato, pelo enfrentamento das questões vividas pelas mulheres de seu tempo, Beauvoir e Millett se dispuseram a rever, por um método próprio e no contexto das correlações políticas, a imagem amalgamada do feminino na cultura. Fizeram-no por meio de questões acerca da relação entre a esfera privada e a pública, pelo viés de um realismo dialético, apto a configurar posicionamentos críticos na esfera institucional, moral, sexual e dos abusos de autoridade aos quais a dimensão privada sempre esteve submetida e condicionada. Acima de tudo, questionam o horizonte do verdadeiro sobre o qual as bases axiológicas da cultura se projetam e as imagens do feminino e do masculino vão ganhando paradigmas valorativos específicos. O que a Segunda Onda feminista provoca é a compreensão de que a “mulher seja fabricada pela civilização” (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 493), podendo dirigir seus destinos.

Levando-se tais questões em consideração, é preciso salientar que este trabalho tentou discorrer sobre os modelos culturais que se apresentam a partir de tais abordagens feministas e que chegam até nós com roupagem nova, com métodos de abordagem modificados, com distintas preocupações acerca da identidade e da subjetividade feminina num mundo ainda governado pelos homens e pela idealidade masculina de uma política sexual naturalizada culturalmente. Devido à complexidade do assunto, restringe-se aqui a apresentação do trabalho apresentado nas Jornadas de La Plata, sintetizado como uma indagação dúplice: de um lado, indaga-se acerca da possibilidade de se estabelecer uma correspondência axiológica entre a estética que se produz nos limites dos textos de memória de Beauvoir, com aquela demonstrada e perquirida em seus ensaios antropológicos e políticos; de outro, questiona-se sobre a longevidade dos textos de Millett, entendendo-os como aptos a capacitar a nossa cultura a rever vetustos padrões de ser e de dever-ser, problematizando e contextualizando a forma pela qual as feministas contemporâneas responderam a suas questões no âmbito do gênero e da sexualidade.

Palavras-chave: Beauvoir e Millett, revisão estético-política, hierarquia de gênero.

## Referências

- ANDREW, Barbara S. Beauvoir's place in philosophical thought. In CARD, Claudia. **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir**. Cambridge: Cambridge University Press, 2033, pp.24-44.
- BACH, A; ROULET, M.; SANTA CRUZ, M.I. *Experiencia e Identidad de Género*. **Hiparquía**, v.ix, 1,1997, pp. 59.64.
- BACH, Ana Maria. **Las voces de la experiência**: el viraje de la filosofia feminista. Buenos Aires: Biblos, 2010.
- BAÑON, Sonia Reverter. El Feminismo: más allá de um dilema ajeno. **Feminismo/s**. 15, junio 2010, pp. 15-32.
- BEAUVOIR, Simone de. **Le deuxième Sexe**. v.I, v.II.Paris: Gallimard, 1986. Folio.
- BEAUVOIR, Simone de. **Tout compt fait**. Paris: Gallimard, 1972.
- BEAUVOIR, Simone de. Entretien avec Susan Brison, realize le 7 septembre 1976 à Rome. **Les Temps Moderns**. Juin-Juillet 2002 no.619. p.8-18.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2008.
- DÍAZ, Elvira Burgos. Conflicto de paradigmas: “gênero”y “diferencia sexual”. **Thémata**. No.35, 2005, pp.713-720.
- KRISTEVA, Julia. “Le sujet en procès”. IN: KRISTEVA, J. **Polylogue**. Paris: Éditions du Seuil, 1974, pp. 55-106.
- MILLETT, Kate. **Política Sexual**. Tradução de Alice Sampaio *et.al*. Lisboa: Dom Quixote, 1970.